

*As luzes voltam a acender-se, lentamente, até dia claro. Ouvem-se, distante, ruídos esparsos da cidade que acorda. Um ou outro buzinar, foguetes estouram saudando lansan, a Santa Bárbara nagô, e o sino da igreja começa a chamar para a missa das seis. Mas nada disso acorda ZÉ-do-Burro. Entra, pela ladeira, a Beata. Toda de preto, véu na cabeça, passinho miúdo, vem apressada, como se temesse chegar atrasada. Passa por ZÉ-do-Burro e a cruz sem notá-los. Pára diante da escada e resmunga. Fica a critério da direção utilizar neste quadro figurantes que descerão a ladeira e entrarão na igreja.*

BEATA – Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com medo de chegar atrasada e quando chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem primeiro a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é esse sacristão (*Pára de resmungar ao ver a cruz. Ajeita os óculos, como se não acreditasse no que está vendo. Aproxima-se e examina detalhadamente a cruz e o seu dono adormecido. Sua expressão é da maior estranheza*) Virgem Santíssima!

*(Neste momento, abre-se a porta da igreja e surge o Sacristão. É um homem de perto de 50 anos. Sua mentalidade, porém, anda aí pelos quatorze. Usa óculos de grossas lentes, é míope. O cabelo teima em cair-lhe na testa, acentuando a aparência de retardado mental. Ele parece bêbedo de sono. Boceja largamente, ruidosamente, depois de abrir a primeira banda da porta. Espreguiça-se e solta um longo gemido. Depois que abre toda a porta, encosta-se por um momento no portal e cochila, sem dar pela Beata, que se aproxima.)*

BEATA – (*Dá-lhe uma leve cotovelada*) Ei, rapaz...

SACRISTÃO – (*Desperta muito assustado*) Sim, Padre, já vou!...

BEATA – Que padre coisa nenhuma...

SACRISTÃO – Ah, é a senhora...

BEATA – Vou me queixar ao Padre Olavo dessa mania de bater o sino antes de abrir a porta da igreja. Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela boca, chego aqui, e a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO – Também por que a senhora vem logo na missa das seis? Por que não vem mais tarde?

BEATA – (*Malcriada*) Porque quero. Porque não é da sua conta. (*Aponta para a cruz*) Que é isso?

SACRISTÃO – Isso o quê?

BEATA – Está vendo não? Uma cruz enorme no meio da praça...

SACRISTÃO – (*Apura a vista*) Ah, sim... agora percebo... é uma cruz de madeira... e

parece que há um homem dormindo junto dela...

BEATA – Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

SACRISTÃO – Não sei... como quer que eu saiba? Por que a senhora não pergunta a ele?

BEATA – (*Bruscamente*) Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma!

SACRISTÃO – Talvez ele tenha desgarrado da procissão...

BEATA – Que procissão? De Santa Bárbara? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão? Nem na do Senhor Morto. (*Benze-se e entra apressadamente na igreja. O Sacristão aproxima-se de ZÉ-do-Burro, curioso. E quando entra Bonitão, pela ladeira. Ele vê a igreja aberta, estranha.*)

BONITÃO – Oxente...

SACRISTÃO – (*Olha-o aparvalhado*) É uma cruz mesmo...

BONITÃO – E que pensou você que fosse? Um canhão? (*Aproxima-se de Zé-do-Burro*)

Sono de pedra... não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Dizem que é assim que dormem as pessoas que têm a consciência tranqüila e a alma leve... (*Cínico*)

Eu também sou assim, quando caio na cama é um sono só. (*Sacode Zé-do-Burro*)

Camarado... oh, meu camarado!...

ZÉ – (*Desperta*) Oh, já é dia...

BONITÃO – Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carroto.

ZÉ – (*Levanta-se, com dificuldade, os músculos adormecidos e doloridos*) É verdade...

BONITÃO – Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um bom quarto, no segundo andar. (*Apressadamente*) Pelo menos foi o que o porteiro me garantiu.

ZÉ – Ah, obrigado...

BONITÃO – O hotel é aquele ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e dobrar à direita. Hotel Ideal Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

SACRISTÃO – (*Vivamente interessado*) Ganhou?

BONITÃO – Empatamos.

SACRISTÃO – Ah, eu também sou louco por damas!

BONITÃO – (*Examina-o de cima a baixo*) Francamente, ninguém diz... (*Padre Olavo surge na porta da igreja.*)

SACRISTÃO – (*Como se tivesse sido surpreendido em falta*) Padre Olavo!...

ZÉ – Preciso falar com ele...

*Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Pára na porta, ante o olhar intimidador de Padre Olavo. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa*

*aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de falta de convicção e autodefesa. Sua intolerância - que o leva, por vezes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aqueles que estão ao seu lado – não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra uma fraqueza consciente.*

PADRE – *(Para o Sacristão)* Que está fazendo aí?

SACRISTÃO – *(À guisa de defesa)* Estava conversando com aqueles homens.

PADRE – E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. *(Repara em Bonitão e Zé-do-Burro)* Quem são?

SACRISTÃO – Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

ZÉ – *(Adianta-se)* Sou eu, Padre. *(Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão)*

PADRE – Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ – É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas...

PADRE – Sete léguas? Para falar comigo.

ZÉ – Não, pra trazer esta cruz.

PADRE – *(Olha a cruz, detidamente)* E como a trouxe... num caminhão?

ZÉ – Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO – *(Expandindo infantilmente a sua admiração)* Menino!

PADRE – *(Lança-lhe um olhar enérgico)* Psiu! Cale a boca! *(Seu interesse por Zé-do-Burro cresce)* Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro. *(Zé -do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.)*

SACRISTÃO – Está em carne viva!

PADRE – *(Parece satisfeito com o exame)* Promessa?

ZÉ – *(Balança afirmativamente a cabeça)* Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO – Deve ter recebido dela uma graça muito grande! Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.

ZÉ – Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE – *(Padre parece meditar profundamente sobre a questão)* Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ – Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE – Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ – Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO – Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

ZÉ – Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou em casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE – Uma hemorragia.

ZÉ – Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE – *(Enojado)* Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ – Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE – Sem dúvida.

ZÉ – Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E que de que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE – E... o sangue estancou?

ZÉ – Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE – Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ – Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de “seu” Zequinha pra saber das novidades - tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quise sse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, ele ficava esperando na porta da igreja...

PADRE – Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?

ZÉ – Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. *(Com grande tristeza)* Nicolau teve o azar de nascer burro... de quatro patas.

PADRE – Burro?! Então esse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

ZÉ – Meu burro... sim senhor.

PADRE – E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?

ZÉ – Foi... é bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa

Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia...

BONITÃO – *(Que assistiu a toda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira)* Ele se estrepou.

*Padre Olavo olha-o, surpreso, como se só agora tivesse notada a sua presença. Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.*

ZÉ – Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do preto Zeferino davam jeito...

PADRE – Rezas?! Que rezas?!

ZÉ – Seu vigário me desculpe... mas eu tentei tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: Sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei preto Zeferino, ele disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa d'água, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE – Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ – Do demo, não senhor.

PADRE – Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

ZÉ – Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus? *(Recita)* “Deus fez o Sol. Deus fez a luz, Deus fez toda a claridade do Universo grandioso. Com sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre do Filho e do Espírito Santo”. Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

SACRISTÃO – Incrível!

PADRE – Meu filho, esse homem era um feiticeiro.

ZÉ – Como feiticeiro, se a reza é pra curar?

PADRE – Não é pra curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ – Bem, eu só sei que fiquei bom. *(Noutro tom)* Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse ele levantar. Preto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo para espantar as moscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dele me seguindo por toda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa

disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nele, prefiro andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro, ele vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas ele espera por mim, plantado na porta. Um burro desses, seu padre, não vale uma promessa?

PADRE – *(Secamente, contendo ainda a sua indignação)* Adiante.

ZÉ – Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

PADRE – Candomblé?!

ZÉ – Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. *(Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave)* Eu sei que seu vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de freqüentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Conte pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos raios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau... pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE – *(Como se anotasse as palavras)* Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ – A Santa Bárbara.

PADRE – A Iansan!

ZÉ – É a mesma coisa...

PADRE – *(Grita)* Não é a mesma coisa! *(Controla-se)* Mas continue.

ZÉ – Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

PADRE – Dividir? Igualmente?

ZÉ – Sim, padre, igualmente.

SACRISTÃO – E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom?

ZÉ – Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia já estava de orelha em pé, relinchando. E uma semana depois todo o mundo me apontava na rua: - “Lá vai Zé-do-Burro com o burro de novo atrás!” *(Ri)* E eu nem dava confiança. E Nicolau muito

menos. Só eu e ele sabíamos do milagre. *(Como que retificando)* Eu, ele e Santa Bárbara. PADRE – *(Procurando inicialmente controlar-se)* Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

ZÉ – Como, Padre, se ele sarou de um dia pro outro...

PADRE – *(Como se não o ouvisse)* E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!

ZÉ – É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candomblé tem uma imagem de lansan, que é Santa Bárbara...

PADRE – *(Explodindo)* Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica! O senhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prometeu esse sacrifício!

ZÉ – Não, Padre, foi a Santa Bárbara! Foi até a igreja de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco, pra agradecer o que ela fez por mim!

PADRE – *(Dá alguns passos de um lado para outro, de mão no queixo e por fim detém-se diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial)* Muito bem. E que pretende fazer depois... depois de cumprir a sua promessa?

ZÉ – *(Não entendeu a pergunta)* Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a minha consciência e quite com a santa.

PADRE – Só isso?

ZÉ – Só...

PADRE – Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

ZÉ – Eu?!

PADRE – Sim, você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ – *(Humildemente)* Padre... eu não quis imitar Jesus...

PADRE – *(Corta terrível)* Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo.

ZÉ – Sim, mas isso...

PADRE – Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

ZÉ – Qual, Padre?

PADRE – A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ – Não, Padre.

PADRE – Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para

salvar um burro!

ZÉ – Padre, Nicolau...

PADRE – É um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional! *(A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.)*

ZÉ – Mas Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

PADRE – Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade!

ZÉ – *(Angustiadamente tenta explicar-se)* Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau, por isso... é um burro com alma de gente...

PADRE – Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja você não entrará com essa cruz! *(Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo.)*

ZÉ – *(Em desespero)* Mas Padre... eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

PADRE – Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

ZÉ – Eu já expliquei...

PADRE – Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao diabo!

ZÉ – Padre...

PADRE – Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

ZÉ – Mas Padre, a igreja...

PADRE – A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do diabo!

ZÉ – Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE – Vai desrespeitar a minha autoridade?

ZÉ – Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE – *(Para o Sacristão)* Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. *(Entra na igreja)*

*A Beata entra também apressadamente atrás do padre. O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de incompreensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório tremendo saúda lansan.*

CAI O PANO LENTAMENTE.